

Mercados Tradicionais face ao Overtourism:

Resistência e Vida Pública nos casos do Ver-o-Peso (Belém/Brasil) e Bolhão (Porto/Portugal)

**Helena Gonçalo Ferreira, Flávia Ferreira Gomes,
Sílvio Lima Figueiredo, e Maria Manuel Rocha Baptista**
Universidade de Aveiro, Portugal e Universidade Federal do Pará, Brasil

Global, Numéro 1/2026, Surtourisme et promotion de la vie publique locale
Global, Número 1/2026, Overtourism e promoção da vida pública local
Global, Issue 1/2026, Overtourism and promotion of local public life

Este artigo analisa as transformações dos mercados do Ver-o-Peso (Belém) e do Bolhão (Porto) face ao turismo contemporâneo. Por meio de uma análise comparativa, examina como políticas de "revitalização" e discursos de sustentabilidade redefinem práticas culturais e relações entre habitantes, comerciantes e turistas. A investigação demonstra que ambos enfrentam tensões entre a preservação patrimonial, a turistificação e a função social. O estudo identifica estratégias de resistência local e propõe a distinção entre sustentabilidade discursiva — retórica para legitimar transformações de mercado — e sustentabilidade efetiva, que incorpora dimensões sociais e culturais. A análise evidencia que a governação participativa é determinante para a preservação da função social face ao overtourism.

Cet article analyse les transformations des marchés du Ver-o-Peso (Belém) et du Bolhão (Porto) face au tourisme contemporain. À travers une approche comparative, il examine comment les politiques de « revitalisation » et les discours sur la durabilité redéfinissent les pratiques culturelles ainsi que les relations entre habitants, commerçants et touristes. L'étude montre que ces deux marchés sont confrontés à des tensions entre préservation patrimoniale, touristification et maintien de leur fonction sociale. Elle met en évidence des stratégies de résistance locale et propose de distinguer une durabilité discursive, mobilisée comme rhétorique de légitimation des transformations urbaines et commerciales, d'une durabilité effective, intégrant pleinement les dimensions sociales et culturelles. L'analyse souligne enfin, que la gouvernance participative constitue un facteur déterminant pour préserver la fonction sociale des marchés face aux phénomènes de surtourisme.

This article analyzes the transformations of Ver-o-Peso (Belém) and Bolhão (Porto) markets facing contemporary tourism. Through comparative analysis, it examines how "revitalization" policies and sustainability discourses redefine cultural practices and relationships between residents, traders, and tourists. The research demonstrates that both face tensions between heritage preservation, touristification, and social function. The study identifies local resistance strategies and proposes the distinction between discursive sustainability — rhetoric to legitimize market transformations — and effective sustainability, which incorporates social and cultural dimensions. The analysis shows that participatory governance is determinant in preserving social function facing overtourism.

Introdução

O conceito de *overtourism* impôs-se desde o final da primeira década do século XXI como categoria analítica indispensável para compreender reconfigurações urbanas contemporâneas. Knafo (2023) interpreta este fenómeno como entusiasmo coletivo alimentado por lógicas de frequência excessiva, hipermediatização e economia da atenção, transcendendo a saturação quantitativa para se constituir como transformação qualitativa das relações sociais. O excesso manifesta-se essencialmente como percepção de desequilíbrio relacional (Duhamel, 2023), sensível nas tensões de uso do espaço (Peeters *et al.*, 2019).

Se as investigações privilegiam destinos emblemáticos como Barcelona (Ballester, 2018), permanece relativamente inexplorada a manifestação em territórios da vida quotidiana urbana: os mercados tradicionais. Estes espaços, constituídos como lugares de trocas, sociabilidades e construção identitária, transformaram-se em campos sociais complexos (Leitão, 2010; Campelo, 2010), funcionando simultaneamente como infraestruturas de abastecimento e territórios de preservação. Nas últimas décadas, têm sido crescentemente valorizados pelas políticas de património cultural (Gravari-Barbas, 2021) e pela expansão do turismo numa economia plataformizada (Gandia, 2023). A metáfora das "hordas douradas" (Turner & Ash, 1975) adquire renovada pertinência: estes redutos da vida popular veem-se invadidos por fluxos turísticos que, trazendo visibilidade, ameaçam descaracterizar as práticas que lhes conferem autenticidade — processo que Vidal (2024) designa como "colonização dos lugares".

O presente artigo propõe uma análise comparativa de dois mercados históricos que, em contextos distintos, enfrentam desafios convergentes: o Ver-o-Peso, em Belém (Brasil), e o Mercado do Bolhão, no Porto (Portugal). Ambos constituem casos paradigmáticos de espaços que atravessaram processos de patrimonialização e "revitalização", nos quais os discursos oficiais de sustentabilidade coexistem, contraditoriamente, com dinâmicas de gentrificação comercial e turistificação. A questão central articula-se com os debates sobre direito à cidade (Lefebvre, 2001) e gestão democrática do património urbano (Vlès, 2020): de que modo os mercados tradicionais negociam as pressões do turismo mantendo a sua função social?

A nossa hipótese postula que os mercados se constituem como palcos de conflitos entre lógicas globais: turismo, mercantilização cultural, políticas de "revitalização" económica e práticas locais enraizadas em tradições comerciais e saberes populares.

Estes conflitos, inscrevendo-se nas dinâmicas de "glocalização" das modernidades urbanas (Swyngedouw & Kaika, 2005), desdobram-se em estratégias de negociação e resistência desenvolvidas pelos agentes locais.

Metodologicamente, o artigo baseia-se numa análise comparativa de inspiração etnográfica, com trabalho de campo (2023-2024 no Ver-o-Peso; 2025 no Bolhão) que inclui observação, entrevistas com feirantes, comerciantes, técnicos municipais e análise documental. O artigo estrutura-se em cinco secções: após esta introdução, apresenta-se o quadro teórico-conceitual; a terceira secção analisa as trajetórias históricas do Ver-o-Peso e do Bolhão; a quarta desenvolve discussão comparativa sobre processos de turistificação, estratégias de resistência e modelos de governação, questionando criticamente os discursos de sustentabilidade; e a quinta apresenta as conclusões e propõe pistas para políticas públicas mais democráticas de gestão do património cultural urbano.

Quadro Teórico-Conceptual

Overtourism e espaços de mercado

O conceito de *overtourism*, inicialmente aplicado a destinos massificados, requer reconceptualização quando transposto para mercados tradicionais. Enquanto Goodwin (2017) o define pelos impactos negativos quando o turismo excede a capacidade de carga, Peeters *et al.* (2019) sublinham a multidimensionalidade: saturação infraestrutural, conflitos de uso e mercantilização patrimonial. Nos mercados, o fenómeno manifesta-se não apenas pela presença excessiva de visitantes, mas pela transformação qualitativa do espaço: de lugar funcional de abastecimento e sociabilidade a cenário de consumo turístico.

Os mercados constituem-se historicamente como um "resumo simbólico local", condensando as características identitárias (Campelo, 2010). A sua turistificação estabelece desequilíbrios entre a função primordial: servir comunidades e a função derivada: proporcionar experiências aos visitantes. Esta tensão produz o "desequilíbrio relacional" (Duhamel, 2023), vivenciado diferenciadamente: pelos comerciantes, como pressão adaptativa; pelos fregueses, como perda de acessibilidade; pelos turistas, como frustração perante autenticidade inalcançável.

Mercantilização e resistência

A patrimonialização opera como dispositivo que simultaneamente protege e mercantiliza (Gravari-Barbas, 2021), instituindo tensão entre o valor de uso: utilidade

social para abastecimento e práticas culturais e valor de troca: exploração como atrativo turístico. Vidal (2024) propõe o conceito de "colonização dos lugares" para descrever dinâmicas que privilegiam desejos turísticos sobre necessidades locais, manifestando-se na alteração de ofertas comerciais, elitização de preços e reconfiguração de temporalidades.

Contudo, inspirando-nos em Lefebvre (2001), afirmamos que os mercados se constituem simultaneamente como espaços de dominação e apropriação. Os agentes locais desenvolvem estratégias de resistência e negociação; a mercantilização enfrenta práticas quotidianas que preservam núcleos de autenticidade irredutíveis à lógica mercantil.

Governança e políticas públicas

As transformações inscrevem-se em estratégias de governança que mobilizam "sustentabilidade" e "revitalização" como dispositivos retóricos que ocultam, sob pretensões técnicas, opções de valorização económica (Gravari-Barbas, 2021). As autarquias desempenham um papel ambivalente: guardiãs do património ou agentes de gentrificação comercial. A análise comparativa revela um continuum entre imposição *top-down* e gestão participativa. A efetividade da participação cidadã constitui uma variável determinante. Dispositivos formais podem coexistir com marginalização real quando a "consulta" não se traduz em poder decisório. Mecanismos de participação vinculativa tendem a produzir soluções equilibradas entre preservação, turismo e função social.

Resistências e agência local

A literatura sobre mercados urbanos (Crespi-Vallbona *et al.*, 2019; Kontogianni *et al.*, 2024) evidencia que os agentes locais desenvolvem estratégias complexas: desde a adaptação pragmática até à resistência organizada. Os comerciantes acionam recursos diversos: memória como legitimidade, redes sociais como mobilização, conhecimento especializado como capital insubstituível e alianças estratégicas. As práticas culturais quotidianas constituem-se simultaneamente como objeto de preservação e instrumento de resistência. Esta agência encontra-se estrangida por assimetrias de poder. A eficácia das resistências depende da capacidade de articular alianças, ocupar espaços públicos e influenciar decisões através de múltiplos repertórios de ação coletiva.

Contextos e Trajetórias: Análise Comparativa

O Ver-o-Peso: da feira colonial ao complexo turístico

A feira do Ver-o-Peso localiza-se na região central de Belém, numa área estuarina estratégica, que desde o período colonial sofreu transformações associadas à configuração da orla urbana. A instalação da feira pela Administração Provincial da Coroa Portuguesa visava o controlo fiscal das exportações. No século XVII, foi instalada a Casa de Haver o Peso para efetivar a arrecadação alfandegária face ao aumento do fluxo de mercadorias (Souza, 2019).

Entre o século XVIII e o século XX, a área portuária concentrou grandes intervenções urbanísticas. Durante a política pombalina, intensificaram-se transformações no núcleo urbano com aterros e obras inspiradas em modelos europeus (Sarges, 1998). O aterramento do rio Piry prolongou-se até meados do século XIX; a Casa de Haver o Peso foi demolida em 1839; construiu-se o cais do porto (1848-1859).

Na transição para o século XX, consolidado como principal entreposto comercial, o Ver-o-Peso beneficiou do ciclo da borracha e do planeamento reformista de Antônio Lemos. A Lei Municipal n.º 173 (1897) autorizou a construção do Mercado de Peixe, cuja estrutura em ferro importada exemplifica a influência da arquitetura europeia e norte-americana, inaugurado em 1901 (IPHAN, 2010). O Mercado de Carne (1860) passou por reforma significativa em 1904-1905, com acréscimo de um pavimento em estilo Art Nouveau, projeto do engenheiro Francisco Bolonha (Rabelo, 2018; Sarges, 1998).

Entre 1913 e 1980, o Ver-o-Peso alternará pequenas intervenções com períodos de abandono, agravando o desgaste dos equipamentos. Apesar da precariedade, a feira manteve-se como "símbolo de Belém" (Campelo, 2010; Figueiredo & Gomes, 2025), atestando que a sua vitalidade reside nas redes sociais e económicas que ali se reproduzem.

A partir de 1985 iniciou-se um novo ciclo de reformas. Entre 1998 e 2000, realizou-se a revitalização mais ambiciosa, inscrita no Pro-Belém. A Prefeitura de Belém lançou concurso nacional (IAB), vencido pelo projeto do arquiteto Flávio Ferreira, desenvolvido participativamente, valorizando práticas locais, mas visando também à promoção turística (Lima, 2008). Esta reforma introduziu o Condomínio Participativo, dispositivo inovador de gestão compartilhada, que constituiu um avanço significativo. Priorizou-se a "linguagem regional" na sinalização. Contudo, enfrentou-se uma disputa de recursos

com o Governo Estadual (Programa Monumenta), e o Condomínio Participativo enfrentaria posteriormente enfraquecimento.

Em 2016, a tentativa de imposição de reforma sem participação desencadeou mobilização dos feirantes. Realizaram-se audiências públicas; o Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, em Belém, organizou um seminário que subsidiou parecer do IPHAN. Este movimento, articulando feirantes, acadêmicos e instâncias patrimoniais, cancelou o projeto, constituindo uma vitória da organização coletiva. A reforma em curso (2024), com recursos federais, adota estratégia participativa: reuniões setoriais, programa de formação para feirantes. Não obstante, entrevistados assinalam insuficiências no diálogo com equipas técnicas, indicando que mesmo em contextos participativos persistem desafios.

Os feirantes do Ver-o-Peso constituem grupos que, geracionalmente, reproduzem práticas e saberes, tornando a feira " uma festa dos sons, sabores, ritmos e cores que sintetiza a autenticidade da sociobiodiversidade amazônica " (Cardoso *et al.*, 2016: 834). O Mercado de Peixe mantém-se como entreposto fundamental, base da cadeia produtiva que articula pescadores, intermediários e consumidores. Externamente, lojas diversificadas comercializam artigos esportivos, religiosos, vestuário e alimentação. As tensões manifestam-se em múltiplas dimensões. Higienização e ordenamento confrontam-se com práticas consolidadas; a turistificação pressiona para a alteração das ofertas. Os feirantes desenvolvem estratégias complexas: alguns especializam-se em turistas, mas a maioria mantém foco local, muitos procuram equilibrar ambas as clientelas. Entrevistas revelam satisfação com melhorias físicas, mas frustração com limitações na participação efetiva nas decisões sobre organização espacial.

O Mercado do Bolhão: História, Identidade e Desafios Contemporâneos

O Mercado do Bolhão constitui um elemento fundamental da identidade portuense, cuja história remonta ao planeamento urbanístico da " Época dos Almadas " no século XVIII. A sua localização estratégica resultou da abertura de dois novos eixos viários - as atuais ruas Formosa e Fernandes Tomás - que asseguravam as ligações entre a Rua de Santa Catarina e a Rua do Bonjardim (Nonnel, 1992).

O primeiro projeto conhecido para a Praça do Bolhão data de 1837, da autoria do arquiteto Joaquim da Costa Lima Júnior. Os terrenos foram comprados ao Cabido e o mercado começou a funcionar em 1839 como praça a céu aberto (Ferreira, 2011). No

último quartel do século XIX, a crescente importância do mercado na vida económica da cidade tornou evidente a necessidade de modernização das suas infraestruturas.

A construção do novo edifício, inaugurado em 1914, ficou a cargo do engenheiro Casimiro Barbosa e do arquiteto António Correia da Silva. O projeto previa uma cobertura em ferro e vidro sobre o espaço central que nunca foi executada, provavelmente por razões económicas (Ferreira, 2011). O edifício apresenta linhas neoclássicas tardias, ocupando todo um quarteirão, com a sua monumentalidade acentuada pelos torreões nos quatro vértices e, na fachada sul, por esculturas de Bento Cândido da Silva representando o comércio e a agricultura.

Durante os séculos XIX e XX, o Bolhão desempenhou um papel fundamental no abastecimento e na estruturação da vida social portuense. Como espaço de encontro, convívio e transmissão de saberes, as "peixeiras" tornaram-se figuras icónicas da identidade local. O mercado representava um "resumo simbólico" da cidade: convergiam produtos do litoral e do interior, práticas rurais e urbanas, tradições gastronómicas e sociabilidades populares (Castro, 2009). A sua força catalisadora estendia-se à zona envolvente, onde prosperaram estabelecimentos emblemáticos como a Casa Hortícola, a Confeitaria do Bolhão e a Pérola do Bolhão (Lima, 2023).

A partir do final do século XX, o Bolhão entrou em declínio: a proliferação de supermercados alterou padrões de consumo; a degradação física afastou consumidores e transformações demográficas reduziram os fregueses tradicionais. Paradoxalmente, à medida que perdia vitalidade comercial, ganhava valor simbólico: a ameaça de desaparecimento intensificou a perceção do Bolhão como o "coração da cidade" em risco, identidade documentada por Leite (2021) no seu trabalho fotográfico e etnográfico realizado nos três meses anteriores ao fecho do mercado em 2018.

O processo de requalificação iniciou-se em 2006, mas só em 2018 o mercado encerrou para obras. Este hiato reflete a complexidade das negociações: resistências de comerciantes, debates sobre modelos, dificuldades de financiamento e disputas políticas. Em 1992, um concurso internacional havia elegido a proposta do arquiteto Joaquim Massena, que previa manter o carácter geral do edifício e conservar a função de mercado tradicional (Nonnel, 1992; Castro, 2009).

Contudo, em 2007, por alegada falta de verbas, abriu-se novo concurso admitindo concessão a privados por 70 anos. A proposta vencedora da empresa TCN (TramCroNe) previa triplicar a área e declarava "inevitável a demolição de todo o interior", gerando

forte controvérsia e mobilização cívica. Em 2008, a adjudicação foi anulada. O debate público polarizou-se entre "preservação": manutenção de características originais e função social e "modernização": adaptação a padrões contemporâneos de higiene e atratividade turística.

A reabertura em 2020 revelou transformações substantivas. Preservou-se a estrutura exterior, mas o interior sofreu alterações significativas. Crucialmente, as rendas aumentaram substancialmente, expulsando comerciantes incapazes de suportar os novos valores. A governação pela Câmara Municipal do Porto caracterizou-se pela ambivalência: discursivamente, enfatizaram-se preservação patrimonial e sustentabilidade; na prática, priorizou-se valorização turística. Críticos caracterizaram o resultado como "musealização": preservação do invólucro arquitetónico esvaziado da substância social. Este processo complexo, que começou a ser pensado antes das obras e prolongou-se por anos, foi documentado por Valentim (2025) numa obra que acompanhou a transformação do edifício ao longo de oito anos.

A requalificação insere-se no contexto de turistificação acelerada do Porto, particularmente após distinções internacionais como "Melhor Destino Europeu" pela European Best Destinations (2012, 2014, 2017). O Bolhão integrou-se deliberadamente no circuito turístico emblemático: Ribeira-Sé-Bolhão-Livraria Lello. O perfil de visitantes transformou-se: de fregueses locais a fluxos massivos de turistas em visita rápida, mais interessados em fotografar do que comprar.

Os conflitos de uso evidenciaram-se. Comerciantes tradicionais relatam que turistas "passeiam", mas comprem pouco; preços elevados afastam fregueses locais; afluxos turísticos congestionam o espaço. A oferta transformou-se: produtos "típicos" para turistas: conservas, vinho do Porto e artesanato — ganharam proeminência sobre produtos quotidianos. Em 2024, a Associação do Comércio Tradicional Bolha de Água (ACBA) apresentou recomendações estratégicas para a afirmação do compromisso com o modelo de gestão pública. Em setembro de 2025, lançou a petição "Devolver o Mercado do Bolhão ao Porto", denunciando "descaracterização progressiva" e mercado "tomado de assalto por um turismo desenfreado" (Tavares-Teles, 2025).

Lígia Paz (2008) havia alertado que o problema estava "intimamente relacionado com o consumo local e com a progressiva desertificação da baixa do Porto", sugerindo o modelo de Barcelona: 40 mercados municipais servem os bairros. A situação ilustra as contradições do *overtourism* em mercados tradicionais: "revitalização" que preserva o

edifício, mas esvazia o conteúdo social; " sustentabilidade " que sustenta o turismo, mas não as comunidades; " autenticidade " que se torna encenação. O mercado permanece, mas transformado: menos espaço de vida quotidiana, mais cenário; menos lugar de sociabilidades locais, mais atração turística.

Análise Comparativa e Discussão

Confrontando os dados: regularidades estruturais e especificidades contextuais

A análise dos dados empíricos de Belém (2023-2024) e Porto (2025) revela padrões que transcendem especificidades nacionais, confirmando teses sobre glocalização das transformações urbanas (Swyngedouw & Kaika, 2005). As entrevistas evidenciam discursos surpreendentemente convergentes: feirantes e comerciantes articulam as transformações através de narrativas de perda: " já não é como antigamente ", " os turistas não compram, só fotografam ", " as rendas subiram demais ", que ecoam análises académicas sobre turistificação (Crespi-Vallbona et al., 2019; Kontogianni *et al.*, 2024).

Epistemologicamente, esta convergência coloca questões metodológicas relevantes. Até que ponto estas narrativas refletem transformações materiais verificáveis e em que medida idealizam um passado? A triangulação entre entrevistas, observação e análise documental validou parcialmente ambas as dimensões. No Ver-o-Peso, feirantes documentam estratégias de manutenção e subsistência sociocultural através de sociabilidades, constituindo resistência aos processos turistificadores. No Bolhão, comerciantes relatam que turistas " passeiam, mas compram pouco " e " preços elevados afastam fregueses locais ", documentando transformação do perfil de utilizadores.

Contudo, a questão complexifica-se quando confrontamos diferentes fontes. Documentos oficiais enfatizam " revitalização bem-sucedida " e " preservação patrimonial exemplar ", quantificando investimentos, visitantes e empregos. Esta dissonância entre discursos oficiais triunfalistas e narrativas locais de descaracterização revela epistemologias conflitantes sobre " sucesso ": para a perspetiva técnico-administrativa, o sucesso mede-se em visitantes e receitas; para os comerciantes tradicionais, na manutenção de relações sociais, viabilidade económica e reprodução de práticas culturais. Como argumenta Gravari-Barbas (2021), estas epistemologias divergentes inscrevem-se em relações de poder: o conhecimento

técnico-administrativo, legitimado institucionalmente, sobrepõe-se aos saberes locais práticos.

Interrogando a sustentabilidade: da retórica oficial às práticas observadas

Os dados empíricos permitem confrontar criticamente os discursos oficiais de sustentabilidade com as transformações materiais observadas. Tanto a reforma do Ver-o-Peso como a requalificação do Bolhão mobilizam extensivamente o conceito, mas a análise documental revela ambiguidade semântica sistemática: sustentabilidade refere-se simultaneamente, sem distinção explícita, à viabilidade económica, à preservação ambiental, à manutenção arquitetónica e à continuidade social. Na operacionalização prática, sustentabilidade significa primordialmente viabilidade financeira. Esta redução opera como dispositivo de legitimação de transformações mercantis. No Bolhão, a expulsão de comerciantes por "rendas triplicadas" (Tavares-Teles, 2025) justifica-se pela lógica de mercado e a linguagem económica naturaliza escolhas políticas como constrangimentos técnicos inevitáveis.

No Ver-o-Peso, os feirantes expressam satisfação com melhorias físicas, mas frustração com limitações na participação. Esta formulação sugere conceção de sustentabilidade centrada na capacidade de influenciar decisões sobre a reprodução da atividade comercial - epistemologia sistematicamente ausente dos documentos oficiais. Como demonstra Leitão (2010), as práticas quotidianas nos mercados amazónicos constituem um ecossistema social cuja sustentabilidade se mensura na continuidade de redes sociais e económicas (Campelo, 2010).

Emerge um paradoxo constitutivo: as reformas justificadas pela sustentabilidade produzem insustentabilidade social. No Bolhão, os comerciantes expulsos representam uma quebra da transmissão intergeracional de conhecimentos. Uma peixeira sintetizou: "Acabou o Bolhão verdadeiro. O que está ali é um cenário". Esta distinção entre mercado "verdadeiro" (sustentado por práticas sociais) e "cenário" (sustentado por fluxos turísticos) corrobora MacCannell (1973) sobre autenticidade encenada, mas acrescenta uma dimensão crucial: as teorias implícitas dos atores locais merecem estatuto epistémico equivalente às teorizações académicas.

Governança observada: entre participação proclamada e centralização efetiva

A análise das práticas de governação exige confrontar discursos institucionais com processos decisórios. Ambos os municípios proclamam a gestão participativa: Belém

através do Condomínio Participativo; o Bolhão mediante audiências públicas. A investigação documenta, contudo, distâncias significativas entre a participação declarada e o poder efetivo.

No Ver-o-Peso, o Condomínio Participativo (1998-2000) representou um avanço ao incorporar feirantes (Lima, 2008), mas as entrevistas (2023-2024) revelam insuficiências, confirmando como procedimentos democráticos podem coexistir com marginalização quando recursos de expertise criam assimetrias. Em 2016, a articulação entre feirantes e NAEA-UFPA produziu parecer técnico que, validado pelo IPHAN, cancelou o projeto municipal. Este episódio revela condições para participação efetiva: alianças que permitam apresentar argumentos em linguagem técnica legitimada. Como argumenta Lima (2008), a democratização patrimonial requer redistribuição de recursos cognitivos.

No Bolhão, as audiências públicas (2006-2018) exemplificam uma participação esvaziada. A análise de atas revela um padrão sistemático: as recomendações dos comerciantes — manter rendas acessíveis, preservar tipologias e evitar restauração turística — foram sistematicamente ignoradas (Castro, 2009). A petição da ACBA (2024) denuncia "descaracterização progressiva" e "turismo desenfreado" (Tavares-Teles, 2025). Esta instrumentalização confirma a crítica à "participação-álibi".

Resistências quotidianas: práticas observadas e suas interpretações

A observação etnográfica revela resistências que transcendem mobilizações políticas explícitas, confirmando estudos sobre agência comerciante (Crespi-Vallbona *et al.*, 2019). No Ver-o-Peso, as estratégias de permanência passam por consolidação identitária: patrimonialização, artesanato, ervas-secas, produtos regionais. Os comerciantes mantêm práticas tradicionais para clientes locais, acomodando demandas turísticas, evitando subordinação total. A ameaça real são as investidas da elite local e a especulação imobiliária. O mercado permanece "símbolo de Belém", cuja "vitalidade reside nas redes sociais e económicas que ali se reproduzem" (Campelo, 2010) — vitalidade que persiste apesar e através das transformações (Figueiredo & Gomes, 2025).

No Bolhão, observou-se resistência através da manutenção deliberada de práticas "ultrapassadas". Comerciantes recusam sistematicamente tecnologias *contactless*, mantêm sistemas manuais, preservam ritmos lentos. Um comerciante explicou: "Querem transformar isto num supermercado. Resisto à minha maneira. O meu cliente sabe que aqui leva tempo, que conversamos". Esta "lentidão deliberada" constitui uma

afirmação política de um modelo alternativo baseado em relações personalizadas. A heterogeneidade de estratégias, desde a adaptação pragmática à recusa deliberada, transcende categorizações simples entre resistência consciente e inércia tradicional.

Interpretando *overtourism*: entre métricas quantitativas e experiências qualitativas

A investigação evidencia tensão epistemológica sobre como medir *overtourism*. As instituições mobilizam métricas quantitativas (visitantes, receitas), mas, como interrogam Peeters *et al.* (2019), os números absolutos dizem pouco sobre os impactos sociais. A análise revela epistemologia alternativa baseada em experiência vivida. No Ver-o-Peso, Cardoso *et al.* (2016) caracterizam o mercado como " festa dos sons, sabores, ritmos e cores que sintetiza a autenticidade da sociobiodiversidade amazônica ". No Bolhão, Leite (2021) documenta transformações na " identidade de um mercado a que muitos chamam casa ". Estas descrições fenomenológicas capturam dimensões que métricas quantitativas invisibilizam. A investigação sugere desenvolver instrumentos que operacionalizem esta epistemologia: medir qualidade de interações, documentar tipologias de produtos, avaliar continuidade e transmissão intergeracional. Como argumenta Duhamel (2023), *overtourism* manifesta-se menos em números absolutos do que em rutura relacional.

No Ver-o-Peso, o baixo fluxo revela que a ameaça vem do uso do turismo como narrativa para mudanças que atenderiam a elite local, enquanto feirantes ainda lidam com classes populares. O turismo patrimonial amazônico implica negociações complexas entre autenticidade e viabilidade (Figueiredo & Castro, 2013). A comparação revela: no Porto, a saturação produz o mercado-cenário esvaziado; em Belém, um volume menor, mas pressão crescente. Ambas produzem colonização dos lugares (Vidal, 2024), onde lógicas externas transformam práticas locais, mesmo quando os comerciantes mantêm agência negocial.

Conclusão e discussão

Esta investigação comparativa produziu conhecimento empírico e teórico sobre transformações de mercados tradicionais face ao *overtourism*. A triangulação metodológica revelou processos de turistificação em dois contextos e convergências estruturais.

Teoricamente, a investigação contribui em três dimensões. Primeiro, demonstra empiricamente a necessidade de reconceitualizar o *overtourism* em mercados tradicionais para além de métricas quantitativas, incorporando transformações

qualitativas de atmosferas, relações sociais e economias de autenticidade. Segundo, a investigação propõe distinção conceptual entre sustentabilidade discursiva e sustentabilidade efetiva, operacionalizada através de indicadores de reprodução social, transmissão intergeracional de práticas e manutenção de ecossistemas sociais. Esta distinção oferece ferramentas críticas para avaliar políticas patrimoniais. Terceiro, a análise dos processos de governação demonstra que a participação formal pode coexistir com marginalização epistémica efetiva.

As evidências empíricas fundamentam quatro recomendações para políticas públicas de gestão de mercados tradicionais face ao *overtourism*. Primeiro, institucionalização de participação vinculativa que transcenda as consultas formais, conferindo poder deliberativo real a comunidades de comerciantes sobre decisões fundamentais: definição de rendas, tipologias comerciais admitidas, horários de funcionamento, regimes de acesso. O Condomínio Participativo do Ver-o-Peso, com limitações, oferece um modelo adaptável a outros contextos, requerendo sustentação política continuada e recursos para capacitação técnica de participantes. Segundo, regulação de rendas comerciais em mercados patrimoniais segundo a lógica de função social, não de "mercado". A experiência do Bolhão demonstra que rendas de mercado produzem expulsão de tipologias tradicionais, substituídas por comércio orientado turisticamente. As políticas de controlo de rendas constituem um instrumento essencial para a preservação da função social. Barcelona, mencionada por Paz (2008), oferece o modelo. Terceiro, a gestão de fluxos turísticos através de instrumentos que desincentivem a visitação meramente contemplativa sem contribuição económica significativa. As possibilidades incluem: taxas de entrada modestas para visitantes não-compradores, revertidas para manutenção e apoio a comerciantes tradicionais; regulação de grupos turísticos organizados; criação de horários prioritários para clientes locais. Estas medidas, controversas, requerem um debate democrático, mas oferecem alternativas à saturação não regulada. Quarto, investimento em habitação acessível nas áreas centrais. Como argumenta Paz (2008), a vitalidade de mercados depende de bairros densamente povoados por residentes permanentes. Políticas de habitação que combatam a turistificação residencial e a gentrificação são um complemento indispensável a políticas para mercados tradicionais.

Concluimos reafirmando a centralidade política dos mercados tradicionais no contexto de turistificação acelerada das cidades contemporâneas. Longe de constituírem meras infraestruturas comerciais ou patrimónios arquitetónicos, os mercados tradicionais são laboratórios onde se experimenta quotidianamente a possibilidade de equilibrar a

abertura ao mundo e a preservação identitária, o desenvolvimento económico e a função social, a modernização e a memória coletiva. A comparação Brasil-Portugal evidenciou que os desafios transcendem as fronteiras nacionais, inscrevendo-se em dinâmicas globais do capitalismo turístico. Contudo, revelou também que as trajetórias não são determinadas: as escolhas políticas sobre participação, regulação e prioridades produzem resultados distintos. O Ver-o-Peso mantém, ainda que fragilmente, maior vitalidade social que o Bolhão — diferença atribuível não a características culturais inatas, mas a políticas concretas de governação participativa.

O futuro das cidades joga-se também nos territórios quotidianos. Os mercados tradicionais testam se é possível construir cidades que sejam simultaneamente abertas ao mundo e habitáveis para residentes; que preservem o património sem o museificar; que incorporem os visitantes sem se subordinarem ao turismo; que modernizem infraestruturas sem destruir ecossistemas sociais. A resposta a estas tensões define que cidades teremos: cenários para consumo turístico ou lugares para viver, trabalhar e construir identidades coletivas.

Referências

- Ballester, P. (2018). Barcelone face au tourisme de masse : « tourismophobie » et vivre-ensemble. *Téoros*, 37(2), Article 2.
- Campelo, M. L. C. (2010). Ver-o-Peso: A feira do povo belenense. In A. J. S. Lima (Ed.), *Antropologia e património cultural*, Nova Letter, 43–68.
- Cardoso, S. L. C., Tavares-Martins, A. C. C., & Lima, J. J. F. (2016). Ver-o-Peso: Sabores, fazeres, cheiros e sabores da Amazônia paraense. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 11(3), 831–851.
- Castro, R. B. F. G. de. (2009). *Mercado do Bolhão: Património e identidade* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto].
- Crespi-Vallbona, M., Domínguez Pérez, M., & Mascarilla i Miró, O. (2019). Urban food markets and their sustainability. *Current Issues in Tourism*, 22(14), 1723–1743.
- Duhamel, P. (2023). Le surtourisme ou la rupture d'un contrat habitants/touristes. *L'Information géographique*, 87(2), 100–122.

- Ferreira, D. (2011). Subsídios para a história do Mercado do Bolhão. *População e Sociedade*, 19, 139–154.
- Figueiredo, S. L., & Castro, C. A. T. (2013). Turismo, políticas públicas e espaços públicos urbanos: A Estação das Docas em Belém, Pará. In F. F. Azevedo, S. L. Figueiredo, W. R. M. Nóbrega, & C. Maranhão (Eds.), *Turismo em foco*, Vol. 1, NAEA, 189–202.
- Figueiredo, S. L., & Gomes, F. F. (2025). O Ver-o-Peso como encruzilhada dos saberes e práticas. *Nuevamérica*, 188, 11–16.
- Gandia, R. (2023). Standardiser la créativité : Le cas de la plateforme Airbnb. *Marché et Organisations*, 47(2), 99–123.
- Goodwin, H. (2017). *The challenge of overtourism*. Responsible Tourism Partnership.
- Gravari-Barbas, M. (2021). Du surtourisme aux nouvelles formes de tourisme ? *Cahiers français*, 423, 38–47.
- IPHAN. (2010). *Dossiê de tombamento do Complexo Ver-o-Peso*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- Knafou, R. (2023, September 27). *La surmédiation du surtourisme : Ce qu'elle nous dit du tourisme (et de ceux qui en parlent)*. Fondation Jean-Jaurès.
- Kontogianni, P., Sakantamis, K., & Axarli, K. (2024). The value of traditional markets for urban sustainability. *E3S Web of Conferences*, 585, 01004.
- Lefebvre, H. (2001). *O direito à cidade* (5ª ed.). Centauro.
- Leitão, W. M. (2010). O comércio da comida e a comida do comércio. In A. J. S. Lima (Ed.), *Antropologia e património cultural*, Nova Letter, 69–92.
- Leite, E. (2021). *Bolhão: Histórias e memórias / Stories and memories*. Edição do Autor.
- Lima, A. J. S. (2008). *Do dever memória ao dever de verdade* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará].
- Lima, T. (2023). A força catalisadora do Mercado do Bolhão: Uma flânerie documental. *Passeio*.

<https://www.passeio.pt/galeria/a-forca-catalisadora-do-mercado-do-bolhao-uma-flanerie-documental/>

MacCannell, D. (1973). Staged authenticity: Arrangements of social space in tourist settings. *American Journal of Sociology*, 79(3), 589–603. <https://doi.org/10.1086/225585>

Nonnel, A. G. (1992). *O mercado do Bolhão: Estudos e documentos*. Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto & Câmara Municipal do Porto.

Paz, L. (2008, May). Mercado do Bolhão: Ideias a considerar para o futuro. *Jornal de Notícias*.
<https://www.jn.pt/arquivo/artigo/mercado-do-bolhao-ideias-para-o-futuro-da-cidade/942816>

Peeters, P., Gössling, S., Klijs, J., Milano, C., Novelli, M., Dijkmans, C., Eijgelaar, E., Hartman, S., Heslinga, J., Isaac, R., Mitás, O., Moretti, S., Nawijn, J., Papp, B., & Postma, A. (2018). *Research for TRAN Committee – Overtourism: Impact and possible policy responses*. European Parliament.

Rabelo, J. S. (2018). *O Mercado de Carne de Belém* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará].

Sarges, M. de N. (1998). *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque* (2ª ed.). Paka-Tatu.

Souza, L. R. de. (2019). *Transformações urbanas na orla de Belém* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará].

Swyngedouw, E., & Kaika, M. (2005). La production de modernités urbaines « glocales » : Explorant les failles dans le miroir. *Géographie, Économie, Société*, 7(2), 155–176.

Tavares-Teles, A. (2025, September 18). Petição « Devolver o Mercado do Bolhão ao Porto ». *Diário de Notícias*.
<https://www.dn.pt/sociedade/mentores-da-peti%C3%A7%C3%A3o-devolver-o-mercado-do-bolh%C3%A3o-ao-porto-querem-10000-assinaturas-e-levar-o-debate-%C3%A0-ar>

Turner, L., & Ash, J. (1975). *The golden hordes: International tourism and the pleasure periphery*. Constable.

Valentim, N. (2024). *Mercado do Bolhão* (N. M. Borges, Ed.). Label/NMB.

Vidal, A. (2024). *Dévorer le monde : Voyage, capitalisme et domination*. Payot.

Vlès, V. (2020). Tourisme. In R. Pasquier, S. Guigner, & A. Cole (Eds.), *Dictionnaire des politiques territoriales* (2e éd.), Presses de Sciences Po, 537-543.

<https://doi.org/10.3917/scpo.pasqu.2020.01>